

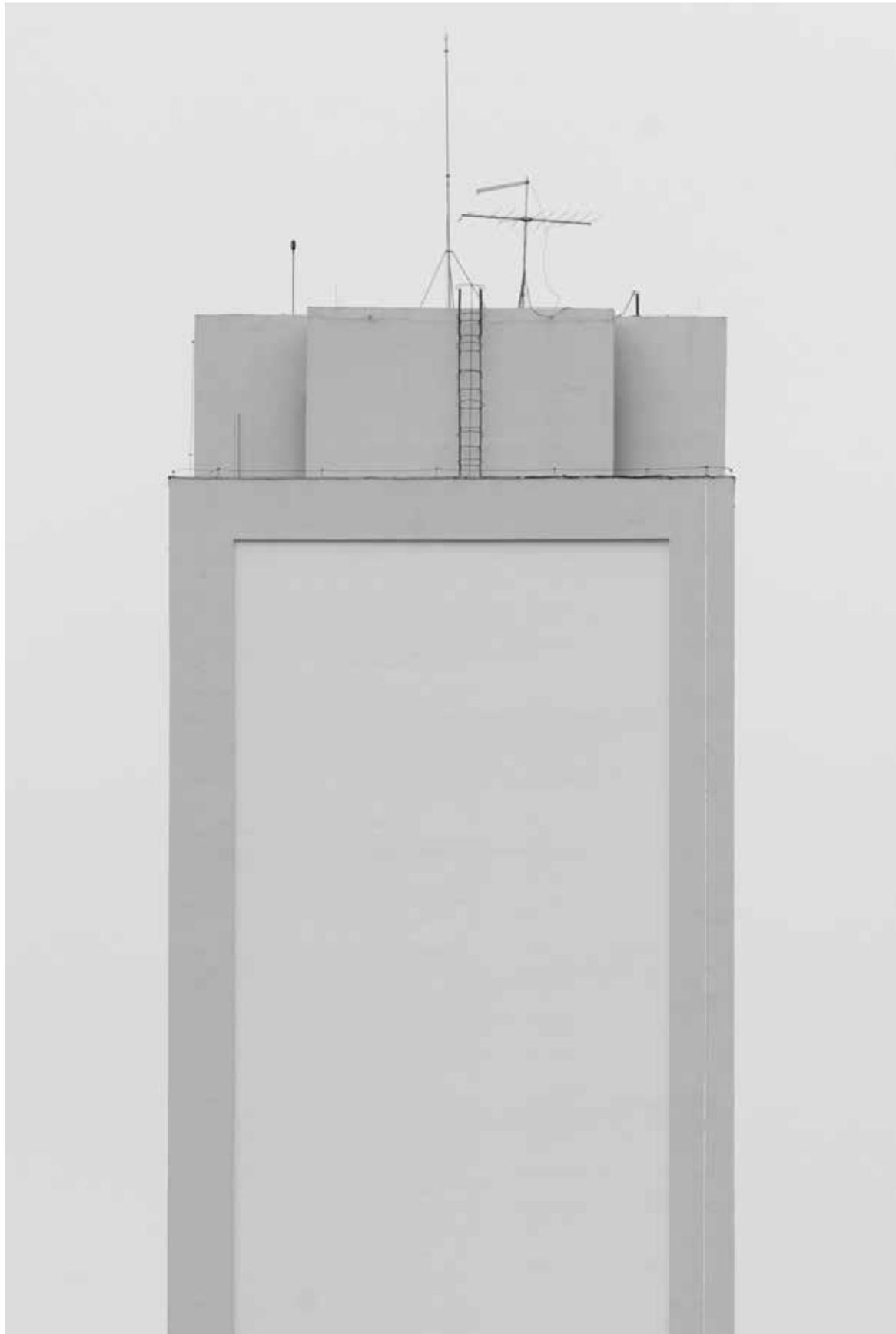
V Prêmio

# Diário

contem

de Fotografia

porâneo



Ivan Padovani · Campo Cego

Oficinas  
Palestras

Cursos e Encontros  
com Artistas

Mostra Especial  
Pequenas cartografias (e duas  
performances) · MUFPA

Ação  
Educativa

Mostra dos Premiados  
e Selecionados  
Casa das Onze Janelas

Artista Convidado  
Janduari Simões · MUFPA

**FICHA TÉCNICA**

**RBA – JORNAL DIÁRIO DO PARÁ  
– REDE BRASIL AMAZÔNIA DE  
COMUNICAÇÃO**

**Jader Barbalho Filho**  
DIRETOR PRESIDENTE DO DIÁRIO DO PARÁ  
**Camilo Centeno**  
DIRETOR GERAL DA RBA  
**Francisco Melo**  
DIRETOR EXECUTIVO

**RBA – Marketing**

**Daniella Barion**  
GERENTE DE MARKETING  
**Natasha Guerreiro**  
COORDENADORA DE MARKETING  
**Marcelle Maruska**  
ANALISTA DE MARKETING

**RBA – Desenvolvimento**

**Luis Folha**  
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO  
**Oscar Alencar**  
SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO  
**Paola Wilm**  
WEB DESIGNER

**PROJETO PRÊMIO DIÁRIO  
CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA**

**Mariano Klautau Filho**  
CURADOR E COORDENADOR GERAL  
**Lana Machado**  
COORDENADORA DE PRODUÇÃO  
**Irene Almeida**  
ASSISTENTE DE CURADORIA  
**Luis Laguna**  
PRODUTOR  
**Joyce Nabiça**  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO  
**Andrea Kellermann**  
DESIGNER GRÁFICO  
**Adrielle Silva da Silva**  
COORDENADORA DA AÇÃO EDUCATIVA  
**Debb Cabral**  
ASSESSORIA DE IMPRENSA  
REDAÇÃO E EDIÇÃO/TABLÓIDE

**ESPAÇO CULTURAL CASA  
DAS ONZE JANELAS**

**Armando de Queiroz Santos Junior**  
DIRETOR  
**Carmen Cal**  
COORDENADORA DO SISTEMA INTEGRADO  
DE MUSEU E MEMÓRIAS  
**Zenaide de Paiva**  
COORDENADORA DA AÇÃO EDUCATIVA

**MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO PARÁ**

**Jussara da Silveira Derenji**  
DIRETORA  
**Sthefane Sagica**  
COORDENADOR DA AÇÃO EDUCATIVA

O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia chega ao seu quinto ano consolidando um espaço de produção e circulação da arte brasileira contemporânea por meio da fotografia. O território da imagem fotográfica significa para o projeto um campo de convergências poéticas, experimentações materiais e investigações filosóficas. Desde 2010 o Diário Contemporâneo vem realizando, em Belém, diversas mostras de artistas selecionados, premiados e convidados, palestras, encontros, cursos e oficinas, já tendo publicado quatro livros, reunindo imagens dos trabalhos, entrevistas, ensaios críticos e artigos de pesquisadores de todo o país.

Em quatro anos de existência, e tendo o fotográfico como norteador, o projeto também selecionou e exibiu pintura, desenho, vídeo, trabalhos instalativos e sonoros, objetos e narrativas literárias. Além das exposições, a participação de curadores, artistas e professores nas comissões de seleção e nas palestras promoveu o diálogo entre pesquisadores do Pará e de outros estados contribuindo para uma observação mais ampla sobre a produção emergente no Brasil. Para cada edição, ao longo desses anos, o projeto propôs questões aos artistas, evitando sempre a tradição ilustrativa da fotografia; explorando o tema como exercício conceitual, mote no qual o artista pudesse experimentar sua liberdade poética, ou ainda propor seu trabalho como uma tradução possível para as questões propostas nos editais. Tivemos então Brasil Brasis em 2010, Crônicas Urbanas em 2011, Memórias da Imagem em 2012 e Cultura Natureza em 2013. Para este ano de 2014, e com a intenção de comemorar um novo ciclo com a quinta edição, decidimos propor um não-tema, uma espécie de não-lugar que caracteriza o território da fotografia, um lugar de constante passagem e repouso para a experiência do fotográfico. Portanto fica claro que não propomos nenhuma questão específica a ser desenvolvida pelo artista, mas reiteramos a livre experimentação que a fotografia, desde suas origens, exerce no campo da arte.

Mariano Klautau Filho  
Curador do Projeto  
Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

**Sumário**

Editorial	3
Do cotidiano e da memória nascem os premiados	4
Os artistas selecionados	7
A poética do espaço urbano	12
O íntimo e o universal	13
Pesquisa e memória nos catálogos	15
À luz da fotografia, sensibilidade destaca os paraenses selecionados	16
Programação foca na formação da percepção visual	17
Visitas às exposições podem ser agendadas	18
Projeto Educativo “Olhos de assombro”	19

**Programação**

Exposições  
**V Prêmio Diário Contemporâneo de  
Fotografia - Artistas selecionados e  
premiados**

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas - 23/04 - 22/06

**Cidade Invisível**

Januari Simões - artista convidado

**Pequenas cartografias (e duas performances)**

Mostra Especial - Artistas paraenses

Museu da UFPA - 24/04 - 22/06

**Palestras**

**Fotografia - Campos de expansão**

Alexandre Santos, Rubens Fernandes Junior

e Mariano Klautau Filho

Centro Cultural Sesc Boulevard – 13/03 – 19h

**Cidade Invisível**

Januari Simões

Museu da UFPA – 24/04 – 19h

**Workshops**

**Do visível ao invisível**

Ana Mokarzel

18 a 20/03 - 19 às 22h e 21 a 22/03 - 15 às 18h

Instituto de Artes do Pará

**Olhar Vagabundo**

Adrielle Silva da Silva

10, 12 e 13/04 - 08 às 12h

11/04 -14 às 18h

Museu da UFPA

**A Fotografia no Limite do Tempo**

Fernando Schmitt

22 a 24/04 – 09 às 13h e 25/04 – 09 às 12h

Instituto de Artes do Pará

**Olhar de Brinquedo**

Equipe do Educativo

Turma 1: 08/5, de 08 às 12h

Turma 2: 08/5, de 14 às 18h

Turma 3: 09/5, de 09 às 12h

Museu da UFPA

**Seminário**

**Olhos de Assombro: por uma educação do educador**

Equipe do Educativo

27/6, de 08 às 18h

Instituto de Artes do Pará

**Serviço**

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (Praça Frei Caetano Brandão s/n - Cidade Velha). Museu da UFPA (Av. Governador José Malcher (esquina com Generalíssimo Deodoro). Entrada franca. Informações: Rua Aristides Lobo, 1055 (entre Tv. Benjamin Constant e Tv. Rui Barbosa) – Reduto. <http://www.diariocontemporaneo.com.br>. Contatos: (91) 3355-0002; 8367-2468; premio-diario@gmail.com.

# Editorial

518. A marca recorde demonstra o caminho certo que o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia vem percorrendo nesses cinco anos. Um projeto novo, mas que já consolidou seu nome entre os editais de grande competição do país.

A quantidade e qualidade dos trabalhos enviados fez com que a comissão de seleção desse ano formada por Alexandre Santos, Rubens Fernandes Junior e Mariano Klautau Filho decidissem ultrapassar a marca de 25 trabalhos escolhidos e contemplar 30 artistas.

Os trabalhos, tanto premiados, como selecionados, destacam uma ideia mais ampliada da linguagem fotográfica, principalmente a contemporânea. Um recorte do que de mais interessante e instigante tem se produzido. O Não-tema desta 5ª edição abriu ainda mais as possibilidades de experimentação fotográfica.

Este ano, o artista convidado vem reforçar a necessidade de se construir um panorama da produção fotográfica no nosso estado. Janduari Simões nasceu no interior da Bahia, mas construiu seu acervo com imagens sobre cultura e o homem da Amazônia, sobretudo do Pará. Em *Cidade Invisível* o fotógrafo vem fazer um questionamento sobre memória, patrimônio e história.

Pelo segundo ano também, o visitante poderá ver um breve resumo da nova produção fotográfica e artística do estado. Jovens fotógrafos e outros já veteranos apresentam seus trabalhos recentes, com questionamentos e preposições cotidianas.

A ação educativa desta 5ª edição valorizou a formação em sala de aula, e ofereceu oficinas como foco nos educadores. Dividida em dois olhares, a ação educativa busca interferir de maneira positiva não só na formação visual dos jovens, mas dos professores, que se encontram com eles todos os dias em sala de aula.

O resultado desse 5º ano é a provocação, fruto de uma busca cada vez mais constante de estar próximo do público e de atender a demanda por ações que fomentem a cultura e a produção artística local e nacional.



Marcelo Figueiredo · Poliedros arquitetônicos



Nelton Pellenz · Referências móveis para cidades em trânsito

# Do cotidiano e da memória nascem os premiados

Mais uma vez, o olhar intenso de fotojornalista apresenta a realidade das ruas com questionamentos muito próprios. Assim como Wagner Almeida, premiado ano passado, o paraense Alberto Bitar também tem a vivência constante da redação no jornal Diário do Pará. O trabalho “Bank Blocks” faz referência ao termo Black Bloc, tática de protesto de rua de ação direta que começou a ser utilizada na Alemanha na década de 1980, e visa atacar

prédios, carros e outros símbolos capitalistas como forma de reivindicar atenção para a sua causa. Essa série de Alberto foi merecedora do Prêmio Diário do Pará desta edição.

**“ Nos bancos, situados nesses lugares, encontrei algo diferente ao que estava acostumado nas paisagens urbanas que conhecia.”**

Alberto Bitar



Alberto Bitar · Bank Blocs (detalhe)

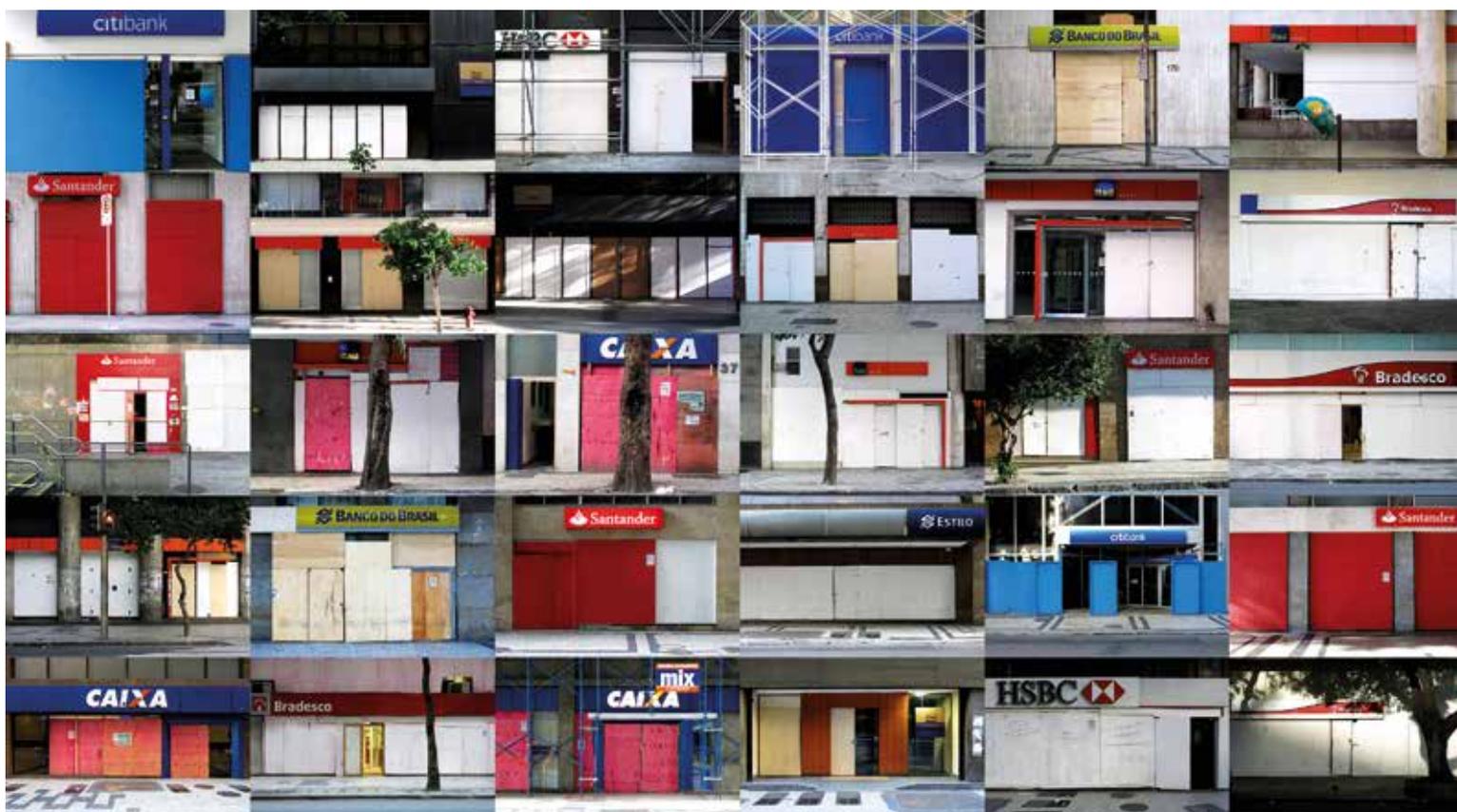
Os integrantes dos movimentos Black Blocs usam roupas e máscaras pretas para garantir o anonimato, formando um único bloco denso e uniforme.

No Brasil, tomaram força durante os protestos de 2013, quando manifestantes foram às ruas em várias cidades do país protestando, em sua maioria,

contra o aumento na passagem do transporte coletivo homologado pelas prefeituras.

“Nos bancos, situados nesses lugares, encontrei algo diferente ao que estava acostumado nas paisagens urbanas que conhecia. Um novo elemento me chamou atenção, quase sempre tomado pelas cores características dessas instituições financeiras. Estranho pelo ineditismo e normal por ser tão comum em tantos pontos da cidade. A presença desse novo elemento não significa apenas que ali havia acontecido embates e protestos anteriores. Aquilo não era simplesmente um remendo do resultado daquelas investidas, mas além de marcas ou símbolos do que havia ocorrido também seria uma tática de defesa aos ataques dos Black Blocs que ainda poderiam acontecer dali para a frente, o que chamei de Bank Blocs”, observou Alberto.

O Prêmio Diário de Fotografia foi para Brasília, para Diego



Alberto Bitar · Bank Blocs



Diego Bresani · Série «Ao Lado» - Religiosas se preparando para uma fotografia

Bresani, com a série “Ao Lado”, que revela cenas da vida cotidiana com as quais o artista se depara constantemente.

**“As fotografias das situações ‘realocadas’ se tornam então, provocações para novas histórias.”**

Diego Bresani

Flagrantes de um momento da vida de pessoas desconhecidas, feitos pela janela do carro ao se deslocar pela cidade.

“Eu as vejo, as guardo em minha memória e depois volto ao seu lugar original e as reenceno usando outras pessoas, na maioria das vezes atores e atrizes. Isolando-as assim, de seus contextos originais. A intenção é trazer de volta à vida momentos ordinários que seriam negligenciados se não fossem recriados. Quando estas imagens costumeiras são vistas de fora de suas cronologias originais, recriadas no tempo e desprovidas de informações extras, elas demandam do expectador que ele/ela imagine e crie seus próprios

contextos para estes momentos, assim como o que as precedeu e o que as sucedeu. As fotografias das situações ‘realocadas’ se tornam então, provocações para novas histórias”, diz Diego. “Dedicatórias”, da paulista Yukie Hori, vencedora na categoria Prêmio Diário Contemporâneo é uma série de cinco crônicas de três ou duas imagens, tomadas entre 2008 a 2013 em viagens ao Japão. Imagens sem o comprometimento anterior ao registro de formar um ensaio fotográfico de tema definido, mas que

recriam memórias, estabelecidas na revisita ao arquivo pessoal, quando são percebidas também, as referências formativas da poética da autora.

**“Minha pesquisa em desenvolvimento no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da USP tem especial atenção às influências da arte e cultura japonesas na prática artística e a discussão da fotografia na esfera da Arte Contemporânea.”**

Yukie Hori

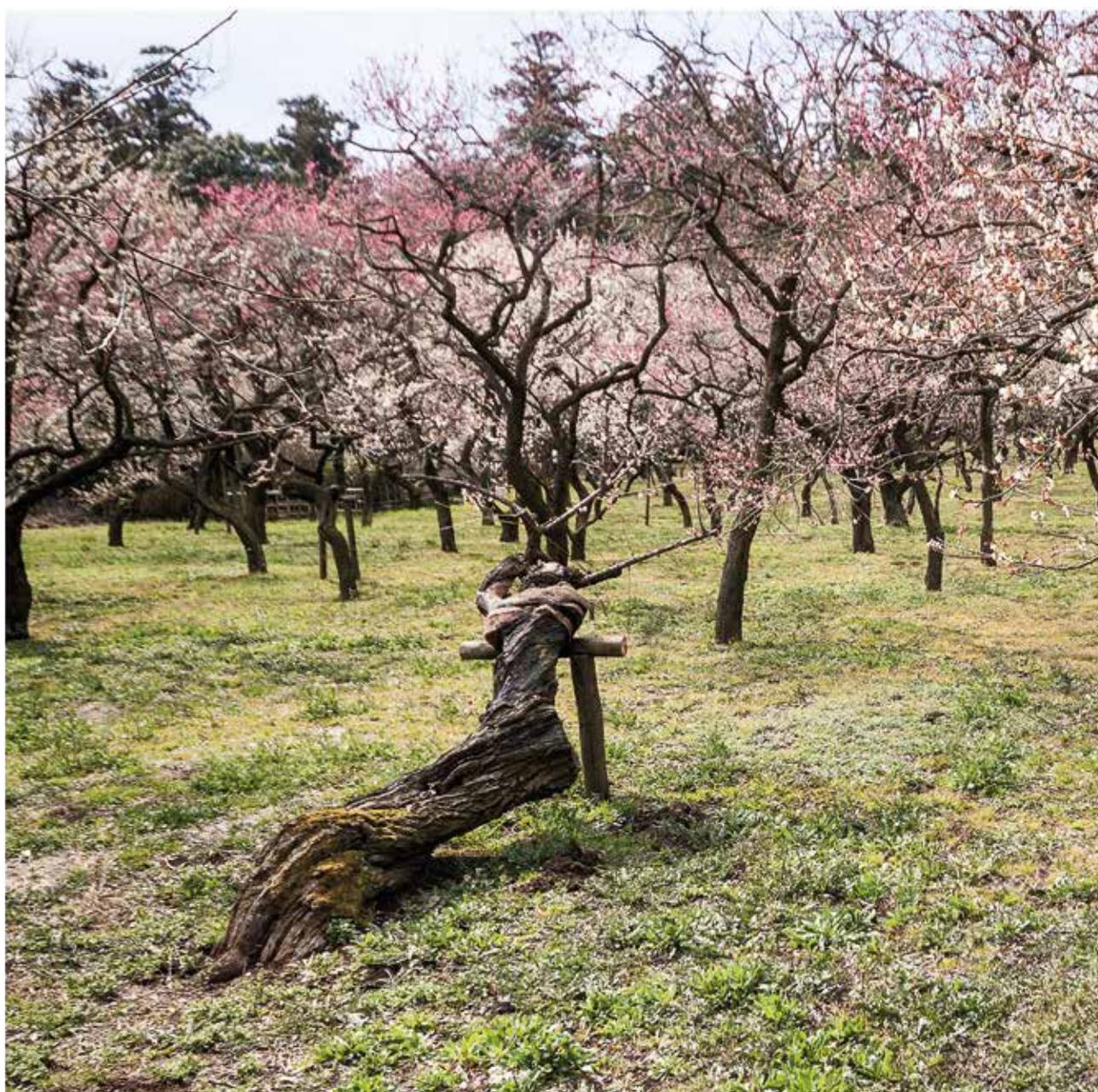
“Não por acaso, minha pesquisa em desenvolvimento no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da USP tem especial atenção às influências da arte e cultura japonesas na prática artística e a discussão da fotografia na esfera da Arte Contemporânea. Este portfólio dialoga, portanto, com essas questões”, conclui Yukie.



Diego Bresani · Série «Série Ao Lado» - Homens brigando na seca



Yukie Hori · Dedicatórias – Cinco Crônicas: [Para Tohaku Hasegawa] Cultivando Pinheiros



Yukie Hori · Dedicatórias – Cinco Crônicas: 梅女の裏切り - Ume onna no uragiri (Traição da mulher ameixa) [ou Ikebana para Shinzo Maeda]

#### PREMIADOS

##### **Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia**

- Alberto Bitar (PA)

##### **Prêmio Diário de Fotografia**

- Diego Bresani (DF)

##### **Prêmio Diário Contemporâneo**

- Yukie Hori (SP)

#### SELECIONADOS

- Alex Oliveira (BA)
- Amanda Copstein (RS)
- Toni Pires (SP)
- Carol de Góes (RS)
- Daniel Moreira (MG)
- Fábio Del Re (RS)
- Felipe Bertarelli (SP)
- Francilins Castilho Leal (MG)
- Tom Lisboa (PR)
- Ionaldo Rodrigues (PA)
- Isabel Santana Terron (SP)
- Ivan Padovani (SP)
- Juliana Kase (SP)
- Juliano Menegaes Ventura (RS)
- Keyla Sobral (PA)
- Letícia Lampert (RS)
- Marcelo Martins de Figueiredo (MG)
- Marco A. F. e Eduardo Veras (RS)
- Marilsa Urban (PR)
- Marlos Bakker (SP)
- Nelton Pellenz (RS)
- Paula Huven (MG)
- Pedro Clash (SP)
- Pérciles Mendes (BA)
- Rafael D'alò (RJ)
- Randolpho Lamonier (MG)
- Victor Galvão (MG)

# OS ARTISTAS SELECIONADOS

## Alex Sandro Oliveira Santos (BA)

*Revelador H2O2* – Experimentando relações de envolvimento da fotografia com outras linguagens, como a performance e a intervenção urbana, a obra fotográfica surgiu da proposição de descolorir cabelos e pelos do corpo com água oxigenada (H2O2) compondo imagens em situações e contextos diferentes. As fotografias foram veiculadas na plataforma virtual do Facebook despertando interesse de diversas pessoas em participar do projeto, estabelecendo, com isso, um campo de interações criado a partir dos encontros, das transformações estéticas e seus desdobramentos fotográficos.

## Amanda Copstein (RS)

*Narrativa do Real Imaginário* – Aquilo que vemos não é unicamente um produto da nossa visão, mas a junção desta com todos os dados arquivados em nossa mente, em nossas memórias. É a partir do espectador e contando com o imaginário dos que venham a se

deparar com as imagens, que a série é composta, como uma proposta do exercício do pensar e do criar.

## Toni Pires (SP)

*BeachPop* – Pouco mais de 150Km do centro de São Paulo, a capital financeira do país, existe um canto de praia, onde a areia não é fofa, e o mar nem sempre esta aprovado para o banho. Gaivotas é o nome do lugar. Pessoas de bairros populares e favelas da periferia de São Paulo, lotam pequenos ônibus e descem à praia para um dia de lazer. Gaivotas a praia popular, é um laboratório social.

## Carol de Góes (RS)

*O Mundo é Pequeno* – A série é uma alegoria ready-made de narrativas cotidianas. Os eventos protagonizados pelas pequenas personagens são eventos compartilhados por muitos de nós, independente de nossas diferentes bagagens. Ao mesmo tempo em que podemos nos identificar com as ordinárias situações retratadas, nos removemos das mesmas ao assumirmos o papel do observador. O ensaio nos dá uma oportunidade de reflexão através do humor.

## Daniel Moreira (MG)

*Paisagem Ambulante 381* – Com um número crescente de pessoas que possuem uma ligação financeira ou sentimental com as rodovias, não é raro observar personagens que transitam

e trabalham em seus arredores. A cultura formada na rodovia é exposta a partir dos retratos de pessoas e materiais sólidos que vão sendo abandonados em seu caminho, transformando a rodovia e o ser em um único objeto.

## Fábio Del Re (RS)

*Morandi* – A série fez o artista voltar ao filme, ao prazer da máquina e seus sons familiares, ao cheiro dos químicos, ao manuseio dos negativos e aos objetos que o acompanham por um tempo. Objetos que carregam alguma lembrança, sem muita importância, mas com uma aura de cumplicidade neste processo.

## Felipe Bertarelli (SP)

*As Paisagens* – Lugares da cidade de São Paulo são fotografados de modos que uma grande massa de escuridão envolva pontos de luminosidade, que permitem ver brevemente alguns elementos dessas imagens. Essa luz pontual remete à iluminação de cenas de natureza morta. Todas as cenas representam uma mesma sensação: estar perdido.

## Francilins Castilho Leal (MG)

*Limbo* – No senso comum, limbo é um limiar, um entremeio, que não está em nenhum lugar. Lugar de esquecimento. As imagens do Limbo são materializações luminosas, aparições que se presentificam sobre a película. Estas aparições se dão por uma "Tecnologia" que permite penetrar pelas fendas do mundo ordinário tornando-as visíveis aos olhos humanos.

## Tom Lisboa (PR)

*Brinquedografia* – As câmeras de Brinquedografia foram



Alex Oliveira · Revelador H2O2



Amanda Copstein - Narrativa do Real Imaginário



Carol de Góes · O Mundo é Pequeno - Edith sente que seu marido a espiona aonde quer que vá



Daniel Moreira · Paisagem Ambulante 381



Fábio Del Re · Morandi



Toni Pires · BeachPop

“reprogramadas” para gerar reflexões sobre imagem e não mais imagens. Pelo visor, podemos apenas ler citações de autores como Lucia Santaella, Philippe Dubois, Julio Cortazar, Susan Sontag e Roland Barthes acerca da natureza artificial da imagem técnica. Deste modo, desconstruindo o ato de fotografar, antecipa ao espectador que, antes de ver ou fazer uma imagem, é preciso refletir sobre o que ela representa.

#### Ionaldo Rodrigues (PA)

*Drenagem* – Na distorção da grande angular artesanal ou na inversão ótica das letras pelo positivo direto que é o daguerreótipo, uma mesma matriz: “drenagem”. Em seguida, no reparo de tubulações de



Juliana Kase · Das 6 às 18 - Fotograma

chumbo e ferro fundido ainda presentes no bairro do Reduto em Belém, camadas de terra, paralelepípedo (macadame) e asfalto se revelam. Além delas, operários removiam e aplicavam camadas novas de asfalto e ligantes em via central de Belém no sol do meio-dia. Síntese das incisões que alargaram vias e disciplinaram um novo regime do seco, do úmido e do charco nas “cidades da civilização” que também integram o ensaio.

#### Isabel Santana Terron (SP)

*Viagem ao redor de meu chuveiro* – O espaço interior nunca foi tão necessário, um abrigo da febre das ruas. Livros, discos e filmes se tornaram escudos contra a realidade, lugares onde podemos nos esconder de nós mesmos. O chuveiro é o refúgio ideal da autora, cujas fotografias, exploram a secreta possibilidade existente no minúsculo e interrogam o habitual.

#### Ivan Padovani (SP)

*Campo Cego* – A série consiste no registro de diversas fachadas cegas encontradas na cidade de São Paulo. Tal procedimento confere ao trabalho um caráter de inventário, que até o momento é formado por cerca de 150 imagens. Somente através destas convenções é que esta pesquisa consegue tornar mais claro seu objetivo como representação de uma experiência pessoal frente à cidade, assim como sugerir questões relativas à visualidade e percepção no ambiente urbano.

#### Juliana Kase (SP)

*Das 6 às 18* – A série confronta dois momentos da tecnologia- a analógica e a digital- na tentativa de repensar quais são as possibilidades poéticas da linguagem analógica em meio a animosidade em torno das novidades da linguagem digital, quais são as diferenças técnicas e quais são as alterações de relacionamento do ser humano com ambas e com o seu entorno. O trabalho fala sobre a onipresença e a importância que os aparelhos adquirem atualmente e converte a miríade de imagens digitais à sua realidade física de luz.

#### Juliano Menegaes Ventura (RS)

*Ruína-álbum* – Os registros pontuam o momento crítico em que uma casa foi encontrada – já esvaziada, seu desaparecimento completo parecia iminente. A ruína é acolhida e organizada em um álbum de papel e plástico. Objeto anacrônico, o álbum carrega estampados a marca e os endereços fantasmas de um antigo laboratório fotográfico, além de uma pequena ficha para indexação que permanece vazia.



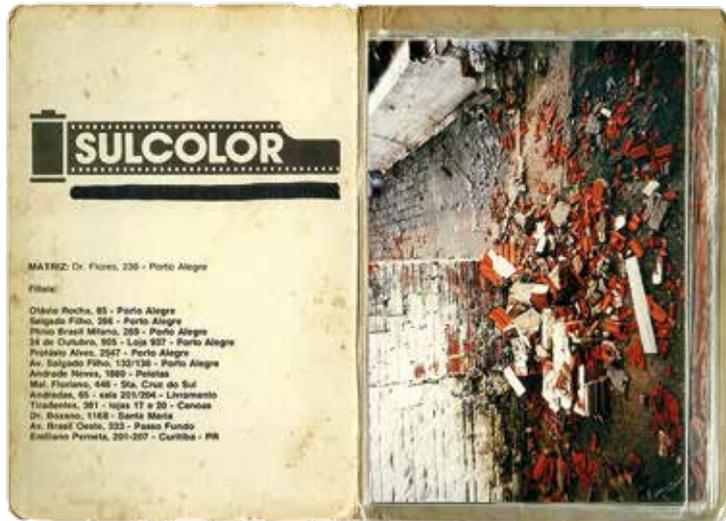
Isabel Santana Terron · Viagem ao redor de meu chuveiro



Tom Lisboa · Brinquedografia



Francilins · Limbo



Juliano Ventura · Ruína-álbum, 2012-2013

**Keyla Sobral (PA)**

*Flash* – É o instante. O piscar de olhos. É o tempo. É a memória. Luzes de Segundo. É a espera. É o ontem. Por milésimos de segundo é o hoje. Num diálogo entre luzes de neon e a fotografia, façamos o seguinte: muita concentração ao momento. Splendoroso. It's over.

**Letícia Lampert (RS)**

*Clautrofobia* – Associações conceituais entre janela e fotografia são bastante frequentes, pela bidimensionalidade que sugerem, o enquadramento que proporcionam, o direcionamento do olhar, a relação com a luz, sombra, transparência e

reflexão. Assumindo o alto contraste causado pela diferença de luz, tão evitado na primeira etapa, a imagem tornava-se ainda mais gráfica e achatada, enfatizando esta sensação de confinamento que a configuração dos prédios em determinadas regiões da cidade podem causar. O que primeiro era tido como erro, tornou-se o objetivo da série.

**Marcelo Martins de Figueiredo (MG)**

*Poliedros arquitetônicos* – refletindo sobre a potencialidade das linhas da arquitetura, o artista desenvolveu a instalação fotográfica composta de imagens que sugerem volumes

geométricos. A sensação de volume é proporcionada pela associação de planos com inclinações específicas, de linhas tênues e convergentes delimitando espaços, juntamente com a variação de luz provocando tonalidades distintas.

**Marco A. F. - Eduardo Veras(RS)**

*Viagem pela linha invisível* – A ideia de fronteira, qualquer fronteira, carrega algo de nebuloso. A fronteira é o espaço – quase sempre periférico, pouco habitado, inóspito – que assinala tanto os limites quanto a porosidade dos países. A fronteira condensa a lembrança de guerras sangrentas e de persistentes tradições, sejam elas inventadas ou reinventadas.

**Marilsa Urban (PR)**

*Rua 07 de abril* – Do 3º andar do prédio localizado na esquina de ruas centrais, a artista percebeu a oportunidade de registrar a movimentação dos trabalhadores e objetos, no que resultaria em alterações invisíveis, acima e abaixo da visão dos espectadores. Cenas e cenários variados em oito horas de trabalho, sem condições de reprise do espetáculo.



Marco A. F. e Eduardo Veras · Viagem pela linha invisível



Marlos Bakker · Com que sonham os peixes

**Marlos Bakker (SP)**

*Com que sonham os peixes?* – Dentro do confinamento do carro, planos são feitos, sonhos são sonhados, emoções íntimas afloram - navegando-se de um lugar para outro, tanto geograficamente como psicologicamente. Porém, apesar da aparente privacidade, o que supostamente deveria nos envolver e acolher como um abrigo, na verdade, se coloca mais como um palco a céu aberto, separado da plateia por uma fina membrana transparente, um mediador entre duas realidades.

**Nelton José Kaspary Pellenz (RS)**

*Referências móveis para cidades em trânsito* – O artista começou a perceber que o deslocamento

das nuvens no céu, em dias nublados, fazia com que o sol atingisse diretamente um ou mais prédios da cidade. Desta forma, eram geradas diferenças de luminosidade, com a natureza se encarregando de destacar alguns pontos do cenário urbano, referenciando-os momentaneamente ao espectador.

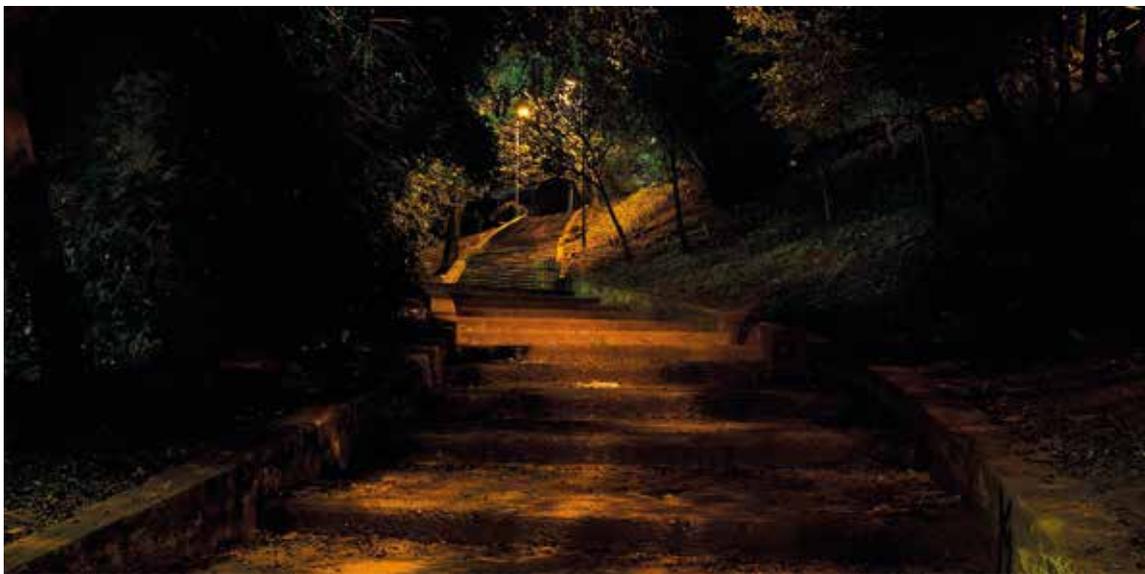
**Paula Huven (MG)**

*Apneia* – Quando uma pessoa mergulhava na piscina, o disparador da câmera era acionado e o registro da fotografia era interrompido apenas quando ela voltava à superfície da água. Assim, o tempo (velocidade) da fotografia é o mesmo do mergulho de cada um. A relação dos fotografados com a própria pose,



Rafael D'Alô · Arranjos Tropicais para um Rei Morto





Felipe Bertarelli · As Paisagens

o duelo com o fôlego e a tentativa de permanecer imóveis em um meio onde a gravidade relativa dificulta ainda mais esse domínio - sempre ilusório - pretendem incitar tanto a impossibilidade do controle total sobre o que a câmera registra quanto as tramas submersas na imagem fotográfica.

**Pedro Clash (SP)**

*O menino* – Numa improvável consciência, infantil autonomia e no seu tempo, um menino segue interagindo com todo o espaço, caminhando pela areia, subindo em muretas, adentrando quintais em busca de uma lixeira. De certa distância o seu padrinho apenas o observa, como um aprendiz e com sua

câmera, de forma a se tornar um cúmplice. Com uma destreza lúdica o menino percorre pequenas distâncias e lugares até, por fim, cumprir seu objetivo.

**Péricles Mendes da Silva (BA)**

*Autômatos* – A rede elétrica é intrínseca nos grandes centros e proximidades das urbes, inserindo no espaço destas, uma variedade de formas e objetos que são vistos apenas de forma funcionalista, sua presença passa despercebida pelos transeuntes que não se afetam com o padrão normativo das formas tridimensionais dos postes e objetos adjacentes. A investigação do artista sustenta-se no desejo de apreender o estranhamento sensorial/perceptivo do



Péricles Mendes · Autômatos

meio urbano - um espaço em constante transformação, movimento sinérgico entre objetos, arquitetura e transeuntes.

**Rafael D'alò (RJ)**

*Arranjos Tropicais para um Rei Morto* – Foi durante o reino de Don Manuel I que a coroa portuguesa, buscando saldar enormes dívidas com o império britânico, se jogou ao mar em busca do ouro em terras estrangeiras, alcançando a Índia, as Ilhas Molucas, a África e o Brasil. Apesar de não terem encontrado ouro em solo brasileiro durante os primeiros 180 anos após a nossa ‘descoberta’, o Brasil, então conhecido como Terra de Vera Cruz, foi palco da extração violenta de Pau-Brasil, frutas e animais nativos, e até mesmo índios que eram levados à corte portuguesa como sinais de que haviam aqui riquezas suficientes que indicavam “uma terra de natureza abundante em que tudo dá”.

**Randolpho Lamonier (MG)**

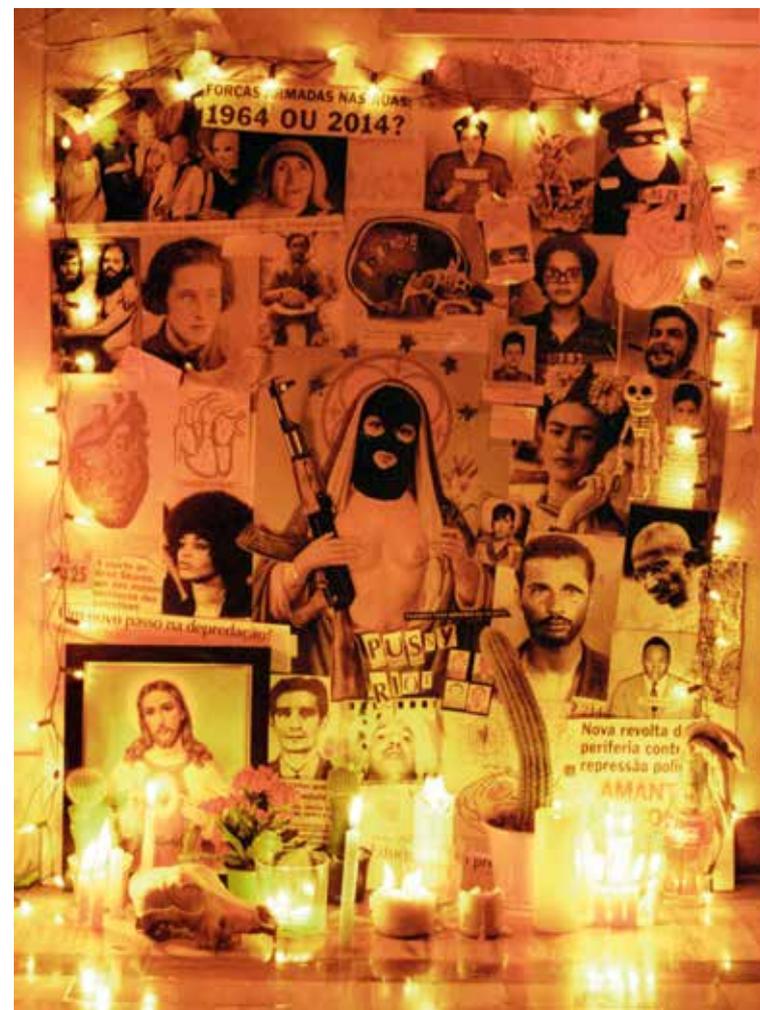
*BALACLAVA* – Em junho de 2013 durante a Copa das Confederações, que desencadeou enormes manifestações em diversas cidades do



Marilsa Urban · Rua 7 abril

Brasil, o governo brasileiro criminalizou as manifestações populares, criando, inclusive, uma lei que penaliza o uso de máscaras nas ruas durante as ações de manifesto. O artista fotografou

atos políticos nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, capturando, sobretudo a intimidade dos manifestantes em seu universo particular e doméstico.



Randolpho Lamonier · BALACLAVA



Victor Galvão · Vapor Ferro Chão

**Victor de Oliveira Galvão (MG)**

*Vapor Ferro Chão* – Uma pesquisa técnica e estética em subúrbios industriais de diferentes cidades. Expondo situações antagônicas de atração e repulsa, a documentação se constrói ao ser conduzida pela melancólica esquizofrenia pós-moderna. As paisagens indeterminadas quanto a tempo e lugar, ausentes de personagens, relacionadas pela mesma decadência, compõem uma sub-realidade cuja densa atmosfera manifesta concretamente o estado psicológico de quem vagueia por estes espaços.



Pedro Clash · O Menino



Letícia Lampert · Claustrofobia



Paula Huven · Apneia

# A poética do espaço urbano

JANDUARI SIMÕES É O ARTISTA CONVIDADO DESTA EDIÇÃO

Nascido em Itabuna, no interior da Bahia, Janduari Simões chegou a Belém em 1975, querendo viver a vida. Entre as muitas indas e vindas de sua trajetória, se fixou na cidade, trabalhou para o Museu Paraense Emílio Goeldi e viajou muito pela Amazônia, pelas capitais e pelos interiores. Constituiu um grande acervo de imagens, de onde se destacam as produzidas no estado do Pará, que chamaram a atenção de Mariano Klautau Filho, curador do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, e resultou em um convite para ter uma mostra individual nesta edição.



Janduari Simões · Fábrica Palmeira. Novembro, 1975



Janduari Simões · Fábrica Palmeira. Novembro, 1975

Em “Cidade Invisível”, nome da exposição que se encontra no Museu da UFPA, Janduari apresenta um questionamento sobre história, memória e patrimônio. Um recorte pontual de sua sensibilidade sobre o espaço urbano e as mutações que ocorrem na arquitetura, com um olhar atento para a estrutura formal das moradias, e as semelhanças que anulam o limite entre centro e periferia. “Isso em um trabalho mais recente onde as fachadas de casas populares assumem uma conformação construtivista e os apartamentos projetados na era moderna da arquitetura se revelam na sua ocupação contemporânea uma assimetria, linhas irregulares e certo caos distantes do projeto inicial para o qual foram pensados”, comenta Mariano Klautau Filho.

Um trabalho de documentação com uma veia poética, lembrando Eugène Arget. Ele fotografou entre outras coisas a destruição do patrimônio, o que se perdeu. “Naquela época não se tinha a noção do que era patrimônio. O cara da Cidade Velha, ele não tinha consciência de aquilo não era só importante para ele, mas para a cidade toda. Hoje em dia, pra ver como era Belém antes, tem que sair de casa no domingo, quando tudo está fechado e olhar para cima, onde ainda tem algumas fachadas, porque se olhar pra baixo, vai ver que tudo virou estacionamento”, observa Janduari.

Outro trabalho tocante e que tem destaque nesta exposição, foi realizado final dos 70, época em que a quadra que abrigava a Fábrica Palmeira estava sendo destruída. Segundo a observação de Mariano, além de refletir o resultado desastroso do contexto ditatorial onde o Brasil foi destruído pelo poder militar, o fim da Fábrica Palmeira é também o nascimento de uma das maiores cicatrizes urbanas que Belém já produziu e que hoje temo nome de “Buraco da Palmeira”. “As imagens do Janduari dos restos da edificação da Fábrica Palmeira são melancólicas, e ao mesmo tempo são registros documentais de uma paisagem que ninguém (ou quase ninguém) fotografou. As pessoas preferem ver os desenhos, rótulos, marcas dos antigos catálogos da Palmeira como se fossem bibelôs românticos e com isso poderem suspirar exercitando seu gozo nostálgico, mas não querem enxergar que houve um massacre de uma quadra inteira e que isso está relacionado hoje com o poder das construtoras e incorporadoras que continuam destruindo a cidade diante de gestões e institutos de patrimônio subservientes. As fotografias de Janduari vão muito além disso, e recolocam nesse contexto a invisibilidade de uma cidade, uma cidade que a gente não quer ver ou não consegue mais ver”, finaliza Mariano.

# O íntimo e o universal

MOSTRA ESPECIAL APRESENTA A NOVA PRODUÇÃO PARAENSE

Pelo segundo ano, além da individual do artista convidado, o Museu da UFPA recebe, também, uma coletiva que traz um recorte do que de novo está se produzindo na fotografia paraense.

Veteranos e jovens fotógrafos apresentam ao público seus mais recentes trabalhos. A mostra “Pequenas cartografias (e duas performances)” acentua mais ainda a intenção do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia de valorizar e fomentar a cultura paraense.

Marise Maués apresenta a obra intitulada “Nóstos”, composta por um vídeo, que teve como local de produção a ilha ribeirinha de Maracapucu Miri, localizada o município de Abaetetuba. “Sou egressa desse lugar, contudo aos dois anos fui levada juntamente com mais oito irmãos para a cidade, pois para minha matriarca era imprescindível à educação, a fim de nos garantir um futuro melhor. Apesar desse afastamento, sempre tive contato com os costumes e tradições ribeirinhas, seja

pela ancestralidade ou por visitas em épocas de férias”, conta Marise. O trabalho mistura natureza e feminilidade.

Já o fotógrafo e historiador Michel Pinho expressa seu convite à reflexão, um questionamento sobre o estado da humanidade que beira barbárie, o qual legitimou e legitima a violência. “Patrimônio” é composto por fotografias que navegam entre a estética do lugar e o registro do patrimônio deixado pelos nazistas. “Descobri que a dor atravessa fronteiras e as edificações que antes serviam como apenas um estábulo, passaram a ser campos de extermínio. A proposta da exposição se encaixa nesse viés, falar de processos transnacionais questionar como a construção visual do nazismo ajuda-nos a compreender a dor que emana dos prédios, caminhos, banheiros e arames, muitos arames que lá e cá estão”, reflete Michel.

“Primavera”, de Rodrigo José é um trabalho desenvolvido no ambiente interno de uma casa, em que as fotografias procuram investigar o lado afetivo de um lugar



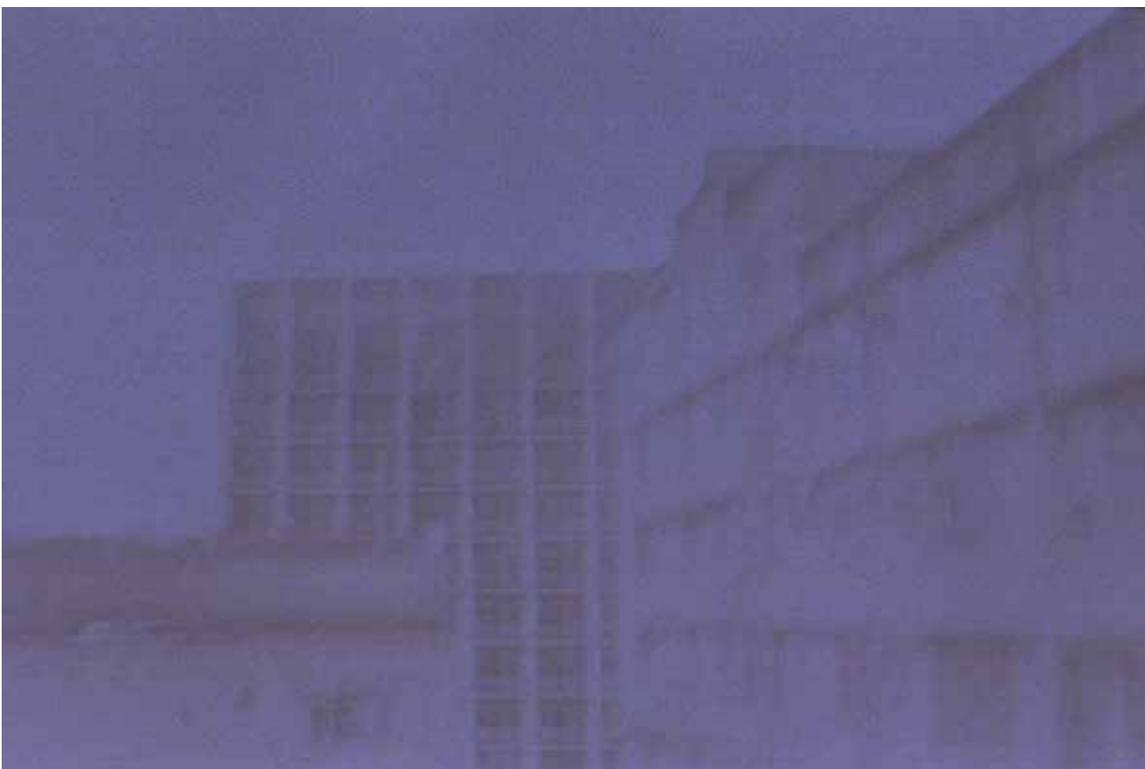
Luciana Magno · O silêncio ancorava as asas: ser pedra depende de prática



Marise Maués · Nóstos



Michel Pinho · Patrimônio



Cinthy Marques · Flat - Volto para dormir todos os dias nas ruínas

que estava em via de desaparecer. É uma série em que a fotografia trabalha como um vetor de descobertas que possibilita a reflexão de um universo particular. “Flat - Volto para dormir todos os dias nas ruínas”, de Cinthya Marques trata-se de uma série de fotografias que buscam retratar o ambiente que artista reside, a partir da linguagem ficcional, observando uma única

perspectiva: a vista da janela de um apartamento, próximo a Avenida Presidente Vargas, centro comercial de Belém. “Assim como um estrangeiro, que ao chegar à nova cidade se depara com uma visão acerca do seu próprio mundo, pretendo discutir na série a sensação daquele que observa pela primeira vez uma nova paisagem



Marco Santos · Sinistro

ao seu redor, para falar sobre o primeiro olhar que lançamos no local em que se transita, aquele olhar sobre o novo, o diferente e o desconhecido”, conclui Cinthya.

No cotidiano do fotojornalismo, Marco Santos observou: “sempre tive uma certa paixão por composições que envolvem o que chamamos de sinistro. É uma sensação provocada pela escuridão e pela luz. Algo que revela de forma abstrata a existência e elementos, nas imagens”. Em “Sinistro”, vemos

fotografias de situações arrasadas, mas que renovam a esperança com pequenas coisas, quase imperceptíveis.

Já no registro da performance “O silêncio ancorava as asas: ser pedra depende de prática”, da artista Luciana Magno, observamos imagens em que a força da natureza se impõem. O trabalho é uma reflexão sobre a vida e seu fluxo, a partir do lançar-se ao desconhecido.



Rodrigo José · Primavera

# Pesquisa e memória nos catálogos

EDIÇÕES PODEM SER BAIXADAS GRATUITAMENTE NO SITE DA PREMIAÇÃO

Criado em 2010 pelo Jornal Diário do Pará, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia chega a sua 5ª edição em 2014. A cada ano é lançado um catálogo, que além de ser a memória do projeto, é também fonte de pesquisa sobre a fotografia e a arte contemporânea brasileira. Sua distribuição de forma gratuita permitiu que ele chegasse aos artistas participantes do projeto, curadores, pesquisadores, instituições da área, cursos de graduação e pós-graduação em artes, além das bibliotecas de todas as regiões do país. A disponibilização online no site do projeto de todas as edições já lançadas ajuda ainda mais na disseminação deste material e democratiza o seu acesso.

É um produto que tem seu lançamento como um dos momentos mais aguardados do projeto, pois compila os trabalhos dos premiados e selecionados, textos transcritos das conversas com os artistas convidados, além de artigos de pesquisadores atuantes na área de fotografia e arte contemporânea, que dão um teor ainda mais significativo enquanto referência para a pesquisa em fotografia.



Foto Irene Almeida

Até agora foram lançadas quatro publicações que seguiram as temáticas Brasil Brasis em 2010; Crônicas Urbanas em 2011; Memórias da Imagem em 2012 e Cultura Natureza em 2013, norteadoras, em seus respectivos anos, das diversas mostras de artistas selecionados, premiados e convidados, palestras, encontros, cursos e oficinas. As publicações já reuniram até agora entre textos críticos, artigos, ensaios e depoimentos as participações de Eder Chiodetto, Patrick Pardini, Tadeu Chiarelli, Marisa Mokarzel, Heloisa Espada, Cláudia Leão, Ernani Chaves, Alexandre Sequeira, Val Sampaio, Maria Helena Bernardes e Andréia Feijó além dos textos de análise dos trabalhos selecionados assinados pelo curador do projeto. Entre os ensaios fotográficos e depoimentos de artistas convidados reunidos especialmente para o prêmio estão Luiz Braga, Miguel Chikaoka, Dirceu Maués, Cláudia Leão e Walda Marques.

A produção paraense vem sendo reconhecida em todo país, porém ações como a publicação destes catálogos do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia ampliam o debate crítico em Belém sobre arte produzida no Brasil. Os catálogos são o resultado do encontro de pesquisadores de todas as regiões do país fazendo com que as fronteiras de acesso sejam extrapoladas. Além disso, ganhando visibilidade nacional e com esse retorno dado ao público, o número de participantes de outros estados tem aumentado a cada ano, como observado nesta 5ª edição.

Baixe gratuitamente os catálogos no site [www.diariocontemporaneo.com.br](http://www.diariocontemporaneo.com.br)

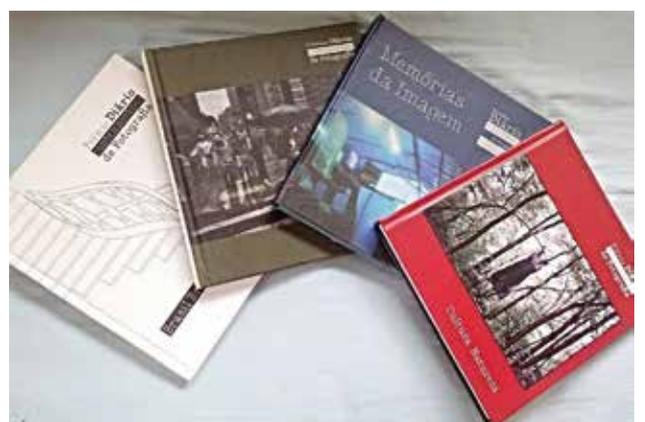


Foto Debb Cabral

# À luz da fotografia, sensibilidade destaca os paraenses selecionados

Além do premiado Alberto Bitar, este ano os trabalhos dos paraenses Keyla Sobral e Ionaldo Rodrigues revelam as experimentações possíveis no campo do fotográfico. “FLASH. É o instante. O piscar de olhos, é o tempo e a memória. Luzes de segundo. É a espera. É o ontem. Por milésimos de segundo é o hoje”. Assim Keyla Sobral começa a falar sobre o seu trabalho. Ela pede “façamos o seguinte: muita concentração ao momento. Esplendoroso. It’s over”. Flash é a proposta de instalação da artista para o Diário Contemporâneo de Fotografia. Com luzes de Neon na parede, o trabalho

é um instante poético da palavra e a luz num diálogo com a fotografia. Keyla que é mestranda em Artes pela UFPA, editora da revista eletrônica de arte e cultura Não-lugar, além de ser colaboradora do blog de arte e cultura contemporânea Novas-Medias; já participou anteriormente do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, na 2ª edição, que aconteceu em 2011, com o trabalho “Desenho fotográfico”, outra série em que nenhum momento se faz de um procedimento técnico fotográfico, mas que entra



Ionaldo Rodrigues · Drenagem



Keyla Sobral · FLASH

no território do fotográfico ao se constituir de desenhos sobre o papel a partir de lembranças visuais construídas por objetos fotográficos.

Ionaldo Rodrigues que participou da mostra do Prêmio Diário no mesmo ano que Keyla, é graduado em Ciências Sociais pela UFPA e hoje atua com projetos de pesquisa e ensino em fotografia na Associação Fotoativa e na Fundação Curro Velho. Em 2011, o trabalho exibido mostrava, em cianótipos, pedaços do que um dia a cidade foi. Ele observava as ruínas, os prédios abandonados e através da nostalgia do azul documentava um lugar perdido no tempo.

Agora, mais uma vez, Ionaldo vê a cidade como fonte. Em “Drenagem” várias técnicas de produção fotográfica se relacionam. Capturas de uma mesma tampa de bueiro na Praça das Mercês, em Belém, uma com uma câmera pinhole e a outra, um daguerreótipo. Na distorção da grande angular artesanal ou na inversão ótica das letras pelo positivo direto que é o daguerreótipo, uma mesma matriz: drenagem. Depois, no reparo de tubulações de chumbo e ferro fundido ainda presentes no bairro do

Reduto em Belém, camadas de terra, paralelepípedo (macadame) e asfalto se revelam. Tubulações novas são inseridas, ora substituindo, ora em combinação com as antigas. Seguindo, operários removiam e aplicavam camadas novas de asfalto e ligantes em via central de Belém no sol do meio-dia. “A foto foi feita e, pouco tempo depois, compartilha na internet pelo mesmo aparelho que a produziu. Duração distante das oito horas que o betume na placa de estanho levou para endurecer com a luz da Vista da Janela em Le Gras de Niépce. No tempo da foto, vaga imaginação do efeito de horas de trabalho como esse durante a luz mais dura do dia”, observa Ionaldo. A série finaliza com experimentações a partir dos estudos de nuvens densas sobre Paris e as vistas urbanas com a presença da “água impura” das cidades correndo pelo calçamento estreito de macadame: a drenagem nas fotografias de Charles Marville. No trabalho de Ionaldo, fragmentos da fotografia de 1866 integram o ensaio. Síntese das incisões que alargaram vias e disciplinaram um novo regime do seco, do úmido e do charco nas cidades da civilização.

# Programação foca na formação da percepção visual

Desde abril a programação da 5ª edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia tem chamado a atenção do público. A primeira palestra foi, na verdade, uma mesa-redonda. “Fotografia: campos de expansão”, com os membros da comissão de seleção do 5º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, Alexandre Santos (UFRGS) e Rubens Fernandes Junior (FAAP/SP), tendo a mediação de Mariano Klautau Filho. O evento foi uma parceria com o Café Fotográfico da Associação Fotoativa e Centro Cultural Sesc Boulevard.

Nesse dia, a chuva forte não afastou os mais de 130 interessados em pensar e discutir fotografia, que compareceram ao evento. Na mesa, a proposta refletia as buscas e as intenções sobre uma ideia mais ampliada da linguagem fotográfica. Alexandre Santos apresentou um recorte da pesquisa que ele já desenvolvia. “Fotografia e espreita: a noite nas imagens de Brassai e Kohei Yoshiyuki”, era o tema.

“Cerca de 40 anos separam as poéticas de Brassai e Yoshiyuki, um período no qual se processaram muitas mudanças no plano cultural, inclusive quanto a inserção da fotografia na arte. Em suas narrativas urbanas errantes muitos pontos em comum se revelam, entretanto, ao enfatizarem as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade; as suas experiências reafirmam a potência da vida coletiva dentro da sua própria complexidade e multiplicidade de sentidos. Ao mesmo tempo em que enfrentam os discursos visuais dominantes e seus silêncios históricos”, refletiu Alexandre.

Já Rubens Fernandes Junior teve a temática de sua fala construída a partir do contato com o tema dessa quinta edição do Prêmio. O Não-tema, o Não-lugar, a Não-fotografia.

“Entendo a imagem, particularmente a fotográfica, como um espaço significativo, construído não só pela mediação do homem e máquina, mas também pela interação entre linguagens e articulação com os enquadramentos, posições, cores e muitas coisas variáveis; além de um repertório necessário para você poder interagir, ou pra você pensar nessa relação homem e máquina”, comentou. O primeiro workshop focou nos educadores e professores. Com grande número de inscritos, “Do visível ao invisível”, com Ana Mokarzel, buscava o autoconhecimento e o exercício da percepção. O objetivo foi o de usar o celular para produzir não uma, mas uma série de boas fotografias, uma narrativa visual de qualidade. Os participantes, no decorrer dos dias de trabalho, se colocaram disponíveis para exercitar, acertar, errar e aprender. Por isso o foco da ação era nas pessoas que estavam diariamente em sala de aula, para sensibilizá-las e torná-las multiplicadoras.

Começando junto com as exposições, “A Fotografia no Limite do Tempo”, com Fernando Schmitt é um curso que visa à pesquisa e a prática experimental da fotografia com o objetivo de explorar suas relações com o tempo.



Mesa redonda «Fotografia: campos de expansão» · Foto Irene Almeida

Sua metodologia misturará atividades de aula, grupo de estudos e ateliê de projeto. A cada encontro, uma provocação orientará a intervenção inicial do professor, que acontecerá no formato de bricolagem de fragmentos: textos, filmes e fotografias.

Os participantes serão convidados a pesquisar e coletar outras experiências e a compartilhar seus próprios trabalhos compondo um grande painel de

subsídios. Trabalhando com esse material o grupo será desafiado a projetar experiências fotográficas que poderão assumir vários formatos como imagens, textos, multimídias, plataformas de visualização, entre outros.

Assim como aconteceu no workshop de Ana Mokarzel, o encontro final reunirá todas as experiências do processo, para avaliar em grupo os resultados obtidos.



Workshop «Do visível ao invisível» · Foto Irene Almeida

# Visitas às exposições podem ser agendadas

O maior impacto que um projeto como o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia deixa, na cidade, não é a premiação, mas a contribuição para a educação visual e cultural daqueles que entram em contato com as obras selecionadas. A ação educativa desta 5ª edição vem olhar cada participante como sujeito e caminho. “Olhos de assombro” é o nome dessa ação se preocupa com o indivíduo, tido, tal qual a experiência fotográfica, que precisa de diferentes tempos, como o de observação, envolvimento, expectativa e resultado. As exposições do 5º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia tem visita aberta ao público até 22 de junho

de 2014, no Espaço Cultural Casa das 11 Janelas e Museu da UFPA. Os interessados em agendar uma visita monitorada devem fazer via ficha de inscrição que está disponível no site [www.diariocontemporaneo.com.br](http://www.diariocontemporaneo.com.br). Informações com Ademar Queiroz, no número 8270.4514 e no email [ademarjunior22@gmail.com](mailto:ademarjunior22@gmail.com). Educadores capacitados atuarão em visitas agendadas ou não, incitando as pessoas a se expressar e saber comunicar-se artisticamente; articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao entrar em contato com as produções artísticas. O foco na formação, mais do que nunca esteve presente no direcionamento



Prêmio Diário 2013 - Ação educativa - Fotos Irene Almeida

de esforços do Prêmio Diário, a começar pelo primeiro workshop oferecido nessa edição, “Do visível ao invisível”, com Ana Mokarzel. Seu público-alvo foi o de professores e educadores de arte, numa proposta de sensibilizar as pessoas que estão diariamente em sala

de aula, e torná-las multiplicadoras. “A gente tem que vencer o medo e incorporar. As pessoas aprendem na escola a ler e a escrever, mas eu queria muito que as pessoas também tivessem uma educação visual”, comenta o fotógrafo e professor de fotografia, Igor Melo. Na ação educativa, duas frentes de trabalho. Dois olhares. O primeiro, “Olhar de brinquedo”, é voltado ao público de professores/educadores, desenvolvendo a partir de encontros uma apresentação do material educativo e artístico do desta 5ª edição, a fim de gerar conteúdo e material a ser desdobrado em sala de aula. O segundo olhar, chamado de “Olhar vagabundo”, é voltado aos educadores dos espaços culturais e suas práticas/experiências transformadas em saber científico compartilhado.



## AGENDAMENTO

**Ademar Queiroz**

(91) 8270-4514 (8h30 às 13h30)

FICHA DE CADASTRO  
E RELATO

[www.diariocontemporaneo.com.br](http://www.diariocontemporaneo.com.br)

OUTRAS INFORMAÇÕES  
[ademarjunior22@gmail.com](mailto:ademarjunior22@gmail.com)

# Projeto Educativo “Olhos de assombro”

Caro Educador,  
Este material educativo é composto por 30 fichas de obras dos artistas selecionados nessa edição. Cada ficha contém os dados das obras, indicação das páginas em que elas se encontram e algumas palavras-chave que perpassam pelas proposições de cada trabalho. As palavras-chave podem servir como índice de um caminho a ser construído a partir das pistas apresentadas ou de outro caminho a ser construído por você.

Planejamos que, através deste material múltiplos percursos se cruzem ao da

própria experiência fotográfica e humana. Essa publicação é pensada para que você trabalhe com crianças (a partir dos 06 anos), jovens e adultos em leituras de imagens, dinâmicas, pesquisas e práticas; numa linguagem a ser adaptada por você em função das características dos seus estudantes.

Crie! Experimente! E também compartilhe conosco sua vivência através das redes sociais, email ou site.

Adrielle Silva da Silva  
Coordenadora do Projeto Educativo

Daniel Moreira · Paisagem Ambulante 381

. vestígio . rodovia . sobrevivência . indivíduo . retrato . cultura . objeto . tempo . desenvolvimento . impacto social .

*O que é pertencimento?*

Saia pela escola para recolher os vestígios deixados pelas pessoas. **Pag. 7**

Diego Bressani · Ao lado

. [re]criação . cotidiano . ver da janela do carro . pessoas desconhecidas . encenação . poesia do dia-a-dia . imaginação . espectador . memória . histórias . incompletude

*O que é o comum?*

Recrie em uma folha de papel sulfite com grafite uma situação vivida no mesmo dia. **Pag. 5**

Fábio Del Re · Morandi

. homenagem . referência . pintura . fotografia . experiência . contato . repetição . estudo . longitude . companhia . retorno . cheiro . manuseio . lembrança . cumplicidade . processo .

*De que é feita a memória?*

Pense em uma pessoa que você gostaria de homenagear. Observe qual o objeto que ela mais tem afeição. Escreva um texto (poesia) que faça a relação dessa pessoa com o objeto de carinho. Presenteei-a. **Pag. 7**

Alberto Bitar · Bank Blocs

. anonimato . identidade . [des]centralização . defesa . ataque . história . remendo . documento . banco . cor . surpresa . vestígio . marca . símbolo .

*O que é o perigo?*

Em trio, relacione as coisas/situações que você considera perigosas em 1 (um) minuto. Socialize com a turma tudo que foi listado. **Pag. 4**

Amanda Copstein · Narrativas do Real Imaginário

. idéia . memória . narrativa provocada . a continuidade por quem vê . uma história a ser contada por quem vê . quebra-cabeça . ficção . realidade deslocada .

*O que vemos, o que nos olha?*

Junte sua turma para jogar mímica. Mas cada um terá que escolher um sentimento a ser descoberto. **Pag. 7**

Carol de Góes · O Mundo é Pequeno

. doente . impessoal . humano . importância . humor . observar . ser . retrato . simulacro . universo íntimo . nós mesmos e o outro .

*O que há de comum em nós?*

Escute a música “O Mundo” de André Abujamra. Leia a letra da música. Desenvolva uma expressão (cênica/musical/visual) que trate dessa diversidade comum. **Pag. 7**

Felipe Bertarelli · As Paisagens

. o tempo . o vazio . o silêncio . contemplação urbana . luz . sombra . perda do sentido . direção . dúvida . imagem profunda . longa exposição . paisagem onírica . natureza morta .

*O que você vê?*

Em duplas, vende os olhos de um dos participantes. O outro precisa conduzir o “cego” com 1 (um) som. Todas as duplas trabalham ao mesmo tempo. Depois troque de posição. **Pag. 10**

Alex Oliveira · Revelador H2O2

. corpo . pêlos . interação . encontro . performance . fotografia . autorretrato . pintura . realidade . ficção . identidade . mostrar . ocultar .

*O retrato é sinônimo de verdade?*

Em duplas, faça uma modificação no visual do seu colega e fotografe-o. Deixe ele fazer o mesmo com você. Visualizem os retratos e compartilhem com a turma o quanto vocês conseguiram ser fiéis aquilo que melhor representa (ou não) o seu colega. **Pag. 7**

Toni Pires · BeachPop

. docuficção etnográfica . imaginário . [des]construção . felicidade . distancia social . distancia econômica . distancia cultural . distancia . proximidade . deslocamento . natividade . naturalidade .

*Existe tempo pra mudança? Porque mudar? Será?*

Que grupo de pessoas que você tem contato lhe são estranhas? Elabore três perguntas e vá conhecê-los. Socialize a experiência e as respostas. **Pag. 8**

Francilins · Limbo

. entrelugares . limiar . lugar do esquecimento . luxúria . fogo . luz . sombra . aparições . fendas do mundo . qualquer lugar humano . vida . mundo . prazer . sacrifício . comum . livro . objeto . escultura . infinito . [des]construção .

*O que é o sagrado? O que cabe do corpo ao sagrado?*

Em uma superfície coberta por tecido ou papel deite e peça para um de seus colegas desenhar o contorno do seu corpo. Todos devem ter seus próprios moldes. Recorte os moldes e construa uma instalação/escultura coletiva. **Pag. 8**



Ionaldo Rodrigues · Drenagem

**Ionaldo Rodrigues · Drenagem**

. urbe . desejo de mobilidade . calçamento . macadame . tubulação . ferro . PVC . trabalho . betume . imaginação . regime . pertencimento . cidade das civilizações . marco . imagem .  
*O que é uma imagem?*

Faça uma pesquisa sobre o surgimento/origem das cidades. Discuta com a turma questões sobre construção coletiva para o coletivo e sua relação com a cidade que se vive e as imagens que se constroem cotidianamente. **Pag.16**



**Juliana Kase · Das 6 às 18**

. onipresença . importância . aparelho . tecnologia . ser humano . relação . forma . diferença . similitude . possibilidade . encontro . analógico . digital .

*O que é tecnologia?*

Em grupos pesquise a diferença entre fotografia analógica e digital. Reflita sobre o lugar da imagem nessa relação tecnológica e humana. **Pag 8**



**Juliano Ventura · Ruína-álbum, 2012-2013**

. memória . vestígio . [des]construção . vazio . [des]aparecimento . fantasmas . fotografia . registro . acolhida . objeto . fragilidade . força .

*O que cabe em uma caixa de sapatos?*  
Colete da sua casa álbuns de fotografias. Socialize cada história com seus colegas. **Pag. 9**

**Isabel Santana Terron · Viagem ao redor do meu chuveiro**

. intimidade . silêncio . abrigo . refúgio . o retorno . a surpresa . o cotidiano . o líquido . feminino .

*O que ocorre cada dia e volta cada dia?*

Em 1 (um) minuto, em pequenos grupos, liste todas as possibilidades geradas a partir do comando “Mãos para...”. Reflita sobre a intimidade que você tem consigo mesmo(a). **Pag. 8**



**Ivan Padovani · Campo Cego**

. inventário . fachadas cegas . São Paulo . objeto . moldura . enquadramento . visibilidade . composição . orientação . ponto de vista . pós-produção .

*O que é um inventário?*

Construa com a turma um inventário sentimental. **Capa**



**Letícia Lampert · Claustrofobia**

. janela . fotografia . arquitetura . especulação imobiliária . relação . cidade . ter . perder . espaço . confinamento . luz . sombra . comum . particular .

*Onde mora o ser?*

Individualmente, cada participante - munido de 1 (um) lápis grafite e 2 (duas) folhas de papel sulfite - sairá em busca de uma janela/moldura com o comando de representar em linhas na primeira folha de sulfite a parte interior dessa janela/moldura e na segunda folha de sulfite a parte exterior dessa mesma janela/moldura. **Pag. 11**



**Marcelo Figueiredo · Poliedros arquitetônicos**

. poliedro . volume . forma . lugar de encontro . cor . fotografia . construção . escultura . todo . parte . outro lugar . dentro . fora . arquitetura . objeto .

*Potência de quê?*

Em grupos, anote todas as idéias que surgirem que estejam relacionadas a [des/re]construção de um espaço/objeto funcional para transformá-lo em poética. Escolha uma das idéias para execução. **Pag. 3**

**Marco A. F. e Eduardo Veras · Viagem pela linha invisível**

. fronteira . mito . névoa . limite . imagem . escrita .

*“A linha é imaginária e simbólica, mas também é real e concreta. Ou nem exatamente isso. Antes de tudo ela é líquida.”* (Eduardo Veras, Travessia)

Mapeie com sua turma as fronteiras que cabem a comunidade escolar. Vale para essa construção depoimentos, fotografias, entrevistas, desenhos, músicas etc. **Pag. 9**

**Marilsa Urban · Rua 7 de abril**

. movimentação . alterações invisíveis . 8h de trabalho . centro . chuva . dia . espetáculo . cidade . cotidiano .

*Não há reprise.*

Viva a experiência da construção de uma câmera obscura com sua turma. **Pag. 10**



**Marlos Bakker · Com o que sonham os peixes?**

. carro . palco íntimo . abrigo . o pensamento . ação . sonhos . planos . emoções . espaço . aquário . membrana . outro tempo . particular . imensidão urbana . observação . transe .

*Eu mesmo, sou o outro.*

Em dupla, descreva seu colega em uma folha de papel. Ele precisa fazer o mesmo com você. No fim, troquem suas anotações e conversem sobre o que está ou não certo. Você o percebe da mesma maneira que ele se percebe? Compartilhe a experiência com a turma. **Pag. 9**



**Nelton Pellenz · Referenciais móveis para cidades em trânsito**

. referências . reconhecimentos . momento referencial da natureza . mesmo lugar . efemeridade . onipresença . luz . hierarquias visuais

Do público se faz o olhar privado.

*Qual o material que você mais usa dentro da escola?* Descreva suas características físicas, pesquise sua origem/história e liste quais as possibilidades de uso desse material. **Pag. 3**

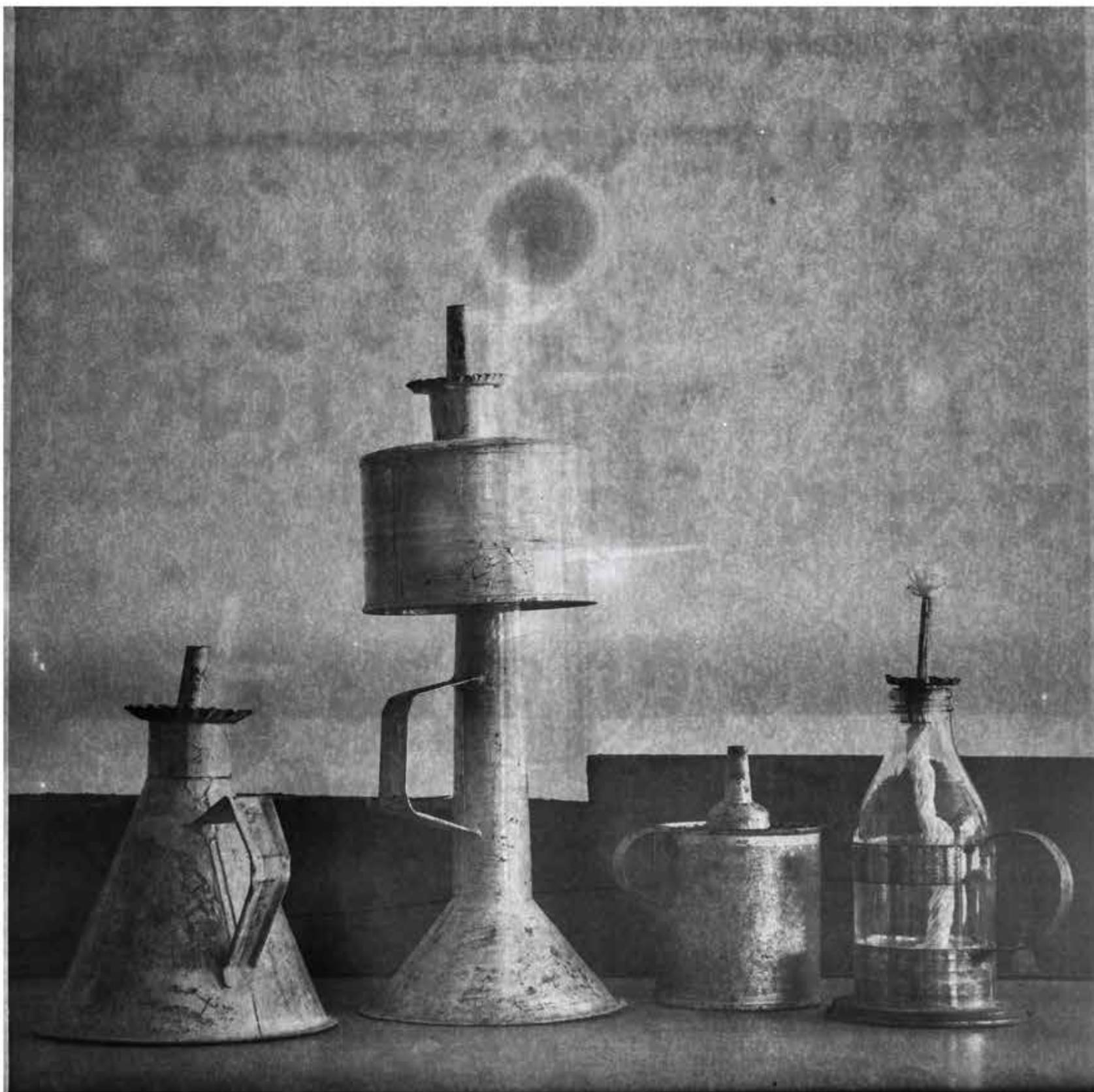


**Paula Huven · Apneia**

. água . tempo . móvel . imóvel . duelo de si . controle . tramas submersas . imagem . encontro . sujeito . representação .

*O que me representa?*

Em folhas de papel sulfite todos são convidados a desenhar o contorno de suas próprias mãos. Dentro dessas mãos escreva de seus usos cotidianos (mãos para...). **Pag. 11**



Fábio Del Re · Morandi

## Péricles Mendes · Autômatos

. rede elétrica . pássaros . metalinguagem . forma . função . transeuntes . razão . sensível . movimento . rigidez . estranhamento . relação .

“Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias sempre ‘fora’ e ‘entre’.” (Gilles Deleuze e Claire Parnet, Dialogues)

Munidos com giz de cera e papel sulfite vá em busca de diferentes texturas que possam ser transferidas por Frotagem. Depois busque as relações de diferenças e semelhanças pelas formas entre as coisas do chão, do ar, da água ou do fogo encontradas nessa experiência. **Pag. 10**

## Victor Galvão · Vapor Ferro Chão

. subúrbio . indústria . documentação . decadência . atmosfera . sub-real . vagar . espaço/estado psicológico .

Onde estão os personagens?

O que te separa do que você diz? Escreva um pouco sobre uma situação em que uma pessoa (pode ser você ou não) claramente está perto ou longe das crenças/attitudes que ela afirma ter. Socialize com a turma e continue pensando sempre. **Pag. 11**

## Pedro Clash · O Menino

. caminho . descoberta . escolha . busca . observação . aprendiz . mundo . cúmplice . lixo . interação . corpo . afeto . subversão .

Diga sim.

O que o meu corpo inteiro pode e deve fazer em prol do bem estar coletivo? Construa com sua turma regras de convivência que reflitam o lugar/importância da positividade x negatividade. **Pag. 11**

## Rafael D’Alò · Arranjos Tropicais para um Rei Morto

. história . natureza . oferta . descoberta . introdução . colonização . Terra de Vera Cruz . rei Dom Manoel I . mosteiro dos Jerónimos .

Ao outro com carinho.

Como inverter a lógica da exploração? Organize no seu grupo o jogo do “anjo” em que uma vez por semana todos são condicionados a dar e receber uma gentileza sem motivo aparente. **Pag. 9**

## Randolpho Lamonier · BALACLAVA

. máscara . crime!? . direito! . manifestação . intimidade . proteção . ocultar . identificar . identidade . política . registro . imagem íntima .

Por que calar?

Separe 6 (seis) recipientes em que cada um venha uma das seguintes características: raiva, fome, doente, feliz, com sono, triste. Prepare fichas individuais com o nome de cada integrante do grupo. Na entrada todos são orientados a pegar suas fichas e colocar no recipiente que descreva sua sensação nesse momento. A partir disso convide todos a escutar os motivos que levaram a cada sentimento. **Pag. 10**

## Tom Lisboa · Brinquedografia

. aparelho . brinquedo . fotógrafo . subversão . Flusser . referências . teorias . reprogramar . objeto . imagem . pensamento . texto . imagem .

O que é a imagem?

Utilizando-se da técnica do “quimiograma” convide seu grupo a pintar com a luz pequenos pedaços de papel fotográfico queimado de modo a nesse papel sintetizar possíveis símbolos de representação. Depois reflita com eles “qual a diferença entre imagem e fotografia?”. **Pag. 8**

## Yukie Hori · Dedicatórias – Cinco Crônicas

. Japão . crônicas . memórias . arte . formação . produção . contemporaneidade . relação . pintura . cinema . fotografia . literatura . crítica .

O que é o compromisso?

Proponha a sua turma que alguns minutos da aula sejam dedicadas a uma proposta a ser desenvolvida dos e pelos participantes. Ou seja, a cada dia alguém se compromete em compartilhar algo do seu interesse (uma música, um filme, um texto, uma imagem, uma história etc.) AFETIVIDADE. **Pag. 6**

**“A primeira função da educação é ensinar a ver – eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. Como o Jesus menino do poema de Caetano. Sua missão seria partejar ‘olhos vagabundos’...”**

Rubem Alves

V Prêmio  
**Diário**  
contem  
de Fotografia  
porâneo

PATROCÍNIO



COLABORAÇÃO



APOIO CULTURAL

REALIZAÇÃO

**Diário do Pará**

